

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

28 Out 2017
18:00 Sala Suggia

Stefan Blunier *direcção musical*

■
Modest Mussorgski (orq. Rimski-Korsakoff)

Uma Noite no Monte Calvo (1867/1887; c.12min)

Franz Liszt

Valsa Mephisto n.º 2 (1878-1881; c.11min)

Charles Ives

Halowe'en (1906; c.3min)

Antonín Dvořák

A Bruxa do Meio-Dia, op. 108 (1896; c.14min)

Camille Saint-Saëns

Dança Macabra, op. 40 (1874; c.8min)

Paul Dukas

O Aprendiz de Feiticeiro (1897; c.12min)

Concerto sem intervalo.



casa da música



Maestro Stefan Blunier
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/239969061>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



A temática da noite das bruxas serviu de inspiração a vários compositores que, ao longo da sua produção musical, abordaram esse mundo sobrenatural e esotérico, transpondo para música os cenários quase mágicos, que revelam dimensões não visíveis da realidade ou que simplesmente se escondem na imaginação partilhada de um povo ou de uma cultura. O programa aqui apresentado ilustra as visões musicais de compositores consagrados sobre essa temática.

Modest Mussorgski

KAREVO, 9 DE MARÇO DE 1839

SÃO PETERSBURGO, 16 DE MARÇO DE 1881

Uma Noite no Monte Calvo

O compositor russo Modest Mussorgski inspirou-se no sabat das bruxas que ocorre na noite de São João, a 23 de Junho. Em 1867, nessa noite, terminou um dos primeiros poemas sinfónicos composto por um russo, que não seria estreado durante a sua vida. A versão original, com o título *Noite de São João no Monte Calvo*, encontra-se dividida em quatro secções: (i) *Assembleia das bruxas*; (ii) *Viagem de Satanás*; (iii) *Missa Negra* e (iv) *Sabbath*. Nas palavras do próprio compositor, esta obra é puramente russa na forma e no carácter, livre dos padrões e rotinas da música alemã, com uma dimensão nacionalista forte baseada em temáticas e elementos musicais que remetem para a sua cultura.

Foi a partir desta obra que Rimski-Korsakoff, em jeito de homenagem, fez uma reorquestração e encurtou o original, adicionando, no entanto, novas secções. Esta última versão é a mais interpretada pelas orquestras e foi estreada em São Petersburgo em 1887, no

Kononov Hall, sob a batuta do próprio Rimski-Korsakoff, lançando a obra nos principais palcos e não só: em 1940 foi popularizada no filme de animação *Fantasia*, de Walt Disney, com arranjo de Leopold Stokowski.

Apesar das diferenças, os quadros temáticos são mantidos sobretudo através do material musical, desde o icónico início de grande fulgor rítmico que transmite essa reunião das bruxas, com uso dos metais e cordas em grande intensidade, até momentos mais obscuros e crus na concepção da própria orquestração e das texturas do conjunto instrumental.

Franz Liszt

RAIDING (BOÉMIA), 22 DE OUTUBRO DE 1811

BAYREUTH, 31 DE JULHO DE 1886

Valsa Mephisto n.º 2

O fascínio de Franz Liszt pelas temáticas espirituais, esotéricas e religiosas atravessa várias das suas obras programáticas, destacando-se as *Valsas Mephisto*, a *Sinfonia Fausto*, *Harmónies Poétiques et religieuses* e *Csárdás Macabre*, para citar apenas alguns exemplos. O modo como transpôs para música cenários e mundos como o de Fausto representa, mais do que um simples exercício musical, essa luta espiritual, humana, entre o bem e o mal, entre o que está escondido nas profundezas mais macabras e a luz que desejamos alcançar.

As quatro *Valsas Mephisto* foram compostas por Liszt em diferentes momentos da sua vida, ficando essencialmente popularizadas no repertório pianístico, embora as duas primeiras tenham sido inicialmente compostas para orquestra e depois adaptadas para piano. A inspiração para o programa veio da obra *Fausto* de Nikolaus Lenau, publicada em

1836, cuja versão focava a morte de Fausto e a entrega da sua alma ao diabo, de acordo com o pacto que havia realizado. Por isso ouvimos nas valsas vários elementos macabros, de sedução e de um certo erotismo latente.

A *Valsa Mephisto* n.º 2 foi composta cerca de 20 anos após a primeira, entre 1878 e 1881, incorporando a linguagem harmónica e orquestral de um compositor em plena maturidade. Foi dedicada ao compositor francês Camille Saint-Saëns, autor da *Dança Macabra* composta anos antes. Na realidade, este facto é relevante porquanto Liszt utiliza aqui uma linguagem musical e texturas orquestrais mais intensas e cruas do que na primeira Valsa. Um dos aspectos inovadores é a harmonia e o tratamento tonal que, segundo alguns especialistas na sua obra, antecipa linguagens musicais que chegariam apenas com Bartók ou Scriabin. O modo como inicia e termina a obra com um trítone (si-fá) que não resolve harmonicamente, enquanto símbolo da inquietação e do próprio mal, marca o percurso musical que Liszt nos faz percorrer.

Charles Ives

DANBURY (CONNECTICUT), 20 DE OUTUBRO DE 1874
NOVA IORQUE, 19 DE MAIO DE 1954

Hallowe'en

Charles Ives foi um dos mais influentes compositores do modernismo norte-americano, com uma produção musical intensa que percorre diversos géneros orquestrais, de música de câmara, vocal, etc. Ainda que durante a sua vida não tenha alcançado um estatuto de grande visibilidade, a sua obra é marcante para um melhor entendimento da música do séc. XX. O seu estilo composicional, com todos os riscos

que implicam as cristalizações ou essencialismos, era um reflexo do seu mundo, do gosto pelas melodias populares seculares e litúrgicas americanas, pela música erudita europeia e pelas novas linhas da música experimental. Neste domínio, a sua obra é rica em exemplos de polirritmia, politonalidade, utilização de quartos de tom, técnicas aleatórias, etc.

Em *Hallowe'en*, Charles Ives parece partir de memórias de infância, como em tantas outras obras, para nos oferecer uma imagem intensa dessa noite com tanto significado na cultura popular norte-americana. A obra inteira *Three Outdoor Scenes* e foi composta em 1906, para violino, viola, violoncelo e piano. De acordo com o compositor, foi composta não como peça de concerto, mas para uma festa de Halloween.

Ives inicia a obra com várias escalas nas cordas (violino I, violino II, viola, violoncelo) em diferentes tonalidades e em cânone, com acordes no piano, num *Allegretto to Presto*. A textura fica mais densa ao longo da partitura com vários jogos rítmicos e melódicos e intervenções mais livres do piano, com alguns elementos quase cómicos, como a inserção de uma cadência quase mozartiana no final da obra. Mais do que uma descrição narrativa, Ives celebra um quadro ancorado na sua memória, no qual a espontaneidade e liberdade de interpretação são fundamentais – o compositor afirmou que esta peça deveria ser tocada várias vezes, mas de modo diferente em cada uma das interpretações.

Antonín Dvořák

NELAHOZEVES (BOÉMIA), 8 DE SETEMBRO DE 1841

PRAGA, 1 DE MAIO DE 1904

***A Bruxa do Meio-Dia*, op. 108**

Antonín Dvořák foi um dos compositores nacionalistas mais importantes do seu tempo. A sua linguagem musical marcada pelos elementos estilísticos do Romantismo tardio, aliada à inspiração e à admiração pelos temas musicais da Morávia e da Boémia, diferenciam claramente a sua obra. Destacam-se da sua produção peças com maior visibilidade nas salas de concerto como a Sinfonia n.º 9 “Do Novo Mundo”, o *Stabat Mater* op. 58, o Concerto para violoncelo op. 104 e as *Danças Eslavas* op. 46.

A Bruxa do Meio-Dia, op. 108, é o segundo poema sinfónico composto por Antonín Dvořák. A estreia teve lugar em Londres em 1896 sob a direcção do maestro Henry Wood. A inspiração veio da trágica lenda tradicional eslava *Polednice*, também conhecida como “Bruxa do Meio-Dia”, que deu origem ao poema de Karel Jaromír Erben incluído na colecção *Kytice z pověstí národních*, de 1853, pela qual Dvořák tinha especial admiração. A música ilustra a história trágica de um rapaz traquina e o desespero que o seu comportamento causa à mãe. Como ultimato, a mãe diz ao filho que, se não se comportar, invocará a bruxa do meio-dia para o levar. Apesar de ser uma ameaça em tom de brincadeira, a bruxa acaba mesmo por aparecer, para temor da mãe, que agarra o filho antes de desmaiar. Quando o pai chega a casa encontra a mulher no chão, desmaiada, com o filho morto nos braços que acidentalmente sufocara na tentativa de o salvar. No final o pai lamenta e chora o terrível desfecho.

Musicalmente, Dvořák procura transpor para a música alguns dos elementos dramáticos da lenda, nomeadamente através da associação das personagens e dos cenários a certos instrumentos. Destacam-se, por exemplo, o oboé associado ao comportamento endiabrado da criança e o clarinete baixo à bruxa. Ao nível das texturas orquestrais, Dvořák combina diferentes recursos no momento em que a bruxa persegue a criança, num quadro dramático mais denso que culmina com a sua dança frenética e as doze badaladas que a fazem desaparecer. A obra termina de forma abrupta com a intensidade total da orquestra, colocando um final forte nesta lenda trágica.

Camille Saint-Saëns

PARIS, 9 DE OUTUBRO DE 1835

ARGEL, 16 DE DEZEMBRO DE 1921

Dança Macabra, op. 40

Os anos 70 do séc. XIX foram intensos e significativos para Camille Saint-Saëns, que participou na guerra franco-prussiano, casou, e viu a confirmação e aclamação das suas óperas em Paris. Foi também nesta década que compôs algumas obras notáveis do seu repertório, destacando-se o Concerto para violoncelo e orquestra n.º 1, a *Dança Macabra* ou a ópera *Sansão e Dalila*.

A composição do poema sinfónico *Dança Macabra* op. 40, para orquestra, começou por ser idealizada para voz e piano, em 1872, e só depois foi adaptada para orquestra, com o acrescento de novas secções e da dedicatória a Gustave Jacquet. A parte vocal incluía o poema *Égalité, Fraternité...* do poeta francês Henri Cazalis (sob o pseudónimo Jean Lahor), com uma temática baseada na crença de que a Morte aparece à meia-noite do Halloween invocando os mortos que estão nas suas campas para que dançam para ela, enquanto toca violino. A dança macabra mantém-se até ao amanhecer, altura em que os mortos regressam às suas sepulturas até ao ano seguinte. A estreia teve lugar em Paris, a 24 de Janeiro de 1875, sob a direcção de Édouard Colonne, num programa que incluía obras de Haydn, Beethoven, Joncières e Handel. De acordo com pesquisas mais recentes, foi bem recebida pelo público recolhendo poucas críticas negativas.

Ao nível musical, Saint-Saëns ilustra o cenário macabro utilizando os vários recursos orquestrais e algumas das indicações do próprio poema, iniciando com um *Mouvement*

modéré de Valse. A meia-noite adquire uma dimensão simbólica que é anunciada pelas 12 notas repetidas consecutivamente pela harpa. A Morte entra em cena com um solo do violino marcado por uma melodia sedutora, seguindo-se depois a flauta e toda a orquestra. A orquestração ilustra depois a dança macabra dos esqueletos, com repetições quase hipnóticas, usando para isso diferentes recursos rítmicos, tímbricos e instrumentais, como por exemplo os xilofones que aludem ao som dos esqueletos. O final da obra retoma o solo de violino, representativo da morte, no qual os mortos recolhem às suas sepulturas.

Paul Dukas

PARIS, 1 DE OUTUBRO DE 1865

PARIS, 17 DE MAIO DE 1935

O Aprendiz de Feiticeiro

Paul Dukas era um compositor de grande exigência e perfeccionismo que, na fase final da vida, destruiu vários manuscritos por não estar satisfeito com o resultado do seu trabalho. Sobreviveram obras muito significativas que atestam a importância de Dukas no panorama musical do seu tempo e que são um testemunho para as gerações seguintes, em particular aquela dos seus alunos directos entre os quais se destacam nomes como Maurice Duruflé, Olivier Messiaen ou Joaquín Rodrigo.

O poema sinfónico *O Aprendiz de Feiticeiro* foi inspirado pela balada de Goethe com o mesmo nome – *Der Zauberlehrling*, de 1797 –, facto que dá origem ao subtítulo da obra: “Scherzo segundo uma balada de Goethe”. A estreia teve lugar em Paris, a 18 de Maio de 1897, num concerto da Société Nationale de Musique com direcção musical do próprio compositor. A obra ganhou maior visibilidade quando foi utilizada no filme animado *Fantasia* de Walt Disney, de 1940, numa cena protagonizada pelo Rato Mickey.

A história centra-se na experiência de um aprendiz de feiticeiro. A música inicia com uma introdução misteriosa nas cordas que parece anunciar o elemento mágico deste quadro sonoro. O mestre feiticeiro tem de sair do seu laboratório e dá instruções ao rapaz para que este faça as suas tarefas. Uma delas implica tirar água do rio com um balde, numa actividade morosa e entediante. O rapaz tem então a ideia de realizar um feitiço (representado pelos trompetes) e colocar a vassoura (associada ao

fagote) a fazer o seu trabalho. Rapidamente a água se torna abundante e em demasia para o que era necessário, reflectindo-se na agitação orquestral, pelo que o rapaz tenta parar o feitiço sem sucesso. Ao tentar fazê-lo, partindo a vassoura, ela acaba por multiplicar-se (fagote e clarinete baixo) e rapidamente a água invade tudo, num cenário totalmente descontrolado, para angústia do rapaz. Entretanto o feiticeiro regressa, diz as suas palavras mágicas (personificadas pelos trompetes) e tudo acalma. O poema termina com a advertência do feiticeiro de que criar espíritos poderosos é um feito apenas para um mestre e não para um aprendiz.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2017

Stefan Blunier *direcção musical*

Director Geral de Música da cidade de Bona entre 2008 e 2016, Stefan Blunier foi maestro da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Sob a sua direcção carismática e com uma nova consciência musical, a orquestra tornou-se mais requisitada e realizou digressões bem-sucedidas na China, em 2011, e nos Estados Unidos da América. As gravações com a sua orquestra foram reconhecidas com dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (2011 e 2012) – *Der Golem* de Eugen d’Albert e *Irrelohe* de Schreker, esta última vencedora também do Prémio da Crítica Alemã 2012. Recebeu outros prémios e nomeações pelas gravações de obras sinfónicas de Respighi, Schoenberg, Franz Schmidt (Sinfonia n.º 4), Bruckner (Sinfonia n.º 8) e Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Ludwigshafen, a Sinfónica de Duisburg e as principais orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Mais recentemente, dirigiu as orquestras Sinfónica NHK (Japão), Sinfónica Escocesa da BBC, Sinfónica da Irlanda, Filarmónica de Estugarda, Sinfónica do Porto Casa da Música, Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, Orquestra da Rádio Norueguesa e Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos compromissos em Bona, foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013), com a qual gravou e realizou digressões que passaram pelo Concertgebouw de Amesterdão, a Alemanha, a Áustria e a Eslovénia.

No domínio da ópera, dirigiu produções em Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Berlim

(Ópera Alemã e Komische Oper), Montpellier, Oslo, Berna, Genebra e Londres (English National Opera). A sua interpretação de *Thais* de Massenet na Ópera de Bona, em 2014, foi aclamada pela imprensa alemã. Após a bem-sucedida produção de *Daphne* na Ópera de Frankfurt, foi de imediato convidado para aí dirigir *Tristão e Isolda*. Entre as óperas que dirigiu recentemente, destacam-se *Elegia para Jovens Amantes* de Henze (English National Opera), *Diálogos de Carmelitas* e *O Amor das Três Laranjas* de Poulenc (Komische Oper de Berlim), *Elektra* e *Tannhäuser* (Bona), *Rigoletto* (Ópera de Zurique) e *Les Contes d’Hoffmann* (Ópera Norueguesa). Na última temporada, dirigiu *Wozzeck* no Grand Théâtre de Genève, sendo de imediato convidado para regressar na temporada seguinte para uma produção de *O Barão Cigano*. O seu especial interesse na música de final do século XIX e início do XX, bem como no repertório contemporâneo, levou Stefan Blunier a dirigir produções como *Irrehole* e *Das Spielwerk* de Schreker, *Krol Roger* de Szymanowski, *Der Rattenfänger* de Cerha e a estreia alemã de *L’amour de Ioïn* de Saariaho.

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang em Essen. É fundador do Ensemble para a Nova Música de Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Besencon e Malko, foi nomeado Maestro Titular Associado em Manheim e Director Musical e Maestro Titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato em Bona.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos anos seguintes surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Radu Ungureanu
Evandra Gonçalves
Vladimir Grinman
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Andras Burai
Ianina Khmelik
Emília Vanguelova
José Despujols
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Domingos Lopes
Vítor Teixeira
Nikola Vasiljev
José Sentieiro

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Jean Loup Lecomte
Emília Alves
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Gisela Neves
Michal Kiska
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yeranossyan
Bruno Cardoso

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*
Vanessa Lima*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques*

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Cláudio Lopes*

Trompa

Nuno Vaz*
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Dawid Seidenberg
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

AGEAS PORTUGAL

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

APDL - ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO, LEIXÕES E VIANA DO CASTELO, S.A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPICIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA PORTUGAL

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP

PATRONO CHEFE DE NAÍPE TROMPETA DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

LUCIOS



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

